

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO**  
**BÁSICA - LASEB**  
**ÁREA: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Doralice Pompilio Vieira dos Santos

**JOGOS PEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O TRABALHO COM O  
NOME PRÓPRIO**

Belo Horizonte  
Dezembro de 2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO**  
**BÁSICA - LASEB**  
**ÁREA: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Doralice Pompilio Vieira dos Santos

**JOGOS PEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O TRABALHO COM O  
NOME PRÓPRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Docência da Educação Básica.

Área: Processo de Alfabetização e Letramento

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Paula Rodrigues

Belo Horizonte  
Dezembro de 2019

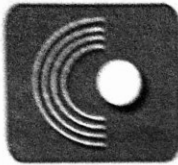
## FI CHA CATALOGRÁFICA

S237j TCC	<p>Santos, Doralice Pompilio Vieira dos, 1967- Jogos pedagógicos na educação infantil [manuscrito] : o trabalho com o nome próprio / Doralice Pompilio Vieira dos Santos. - Belo Horizonte, 2019. 30 f., il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Orientadora: Ana Paula Rodrigues</p> <p>1. Educação infantil. 2. Interação. 3. Jogos pedagógicos.. 4. Alfabetização. 5. Letramento. I. Rodrigues, Ana Paula. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>CDD - 371.397</p>
--------------	---

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)  
Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6 2409  
(Ação: é proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica.)

\* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO OCTOGÉSIMO QUINTO TRABALHO FINAL DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título "Jogos pedagógicos na Educação Infantil: o trabalho com o nome próprio", do(a) aluno(a) Doralice Pompílio Vieira dos Santos. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Ana Paula Rodrigues (orientador) e Welessandra Aparecida Benfica. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Doralice Vieira dos Santos  
Doralice Pompílio Vieira dos Santos

Registro na UFMG: 2018749832

Ana Paula Rodrigues  
Ana Paula Rodrigues  
Professor(a) Orientador(a)

Welessandra Aparecida Benfica  
Welessandra Aparecida Benfica  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

A Deus por me dar capacidade de vencer mais essa batalha!

À minha querida mãe Marinalva, por sempre acreditar em mim e, mesmo diante de todas as  
minhas dificuldades, nunca deixou de me incentivar e encorajar.  
Ao meu marido Valmir, por sua ajuda e compreensão durante minhas ausências aos sábados.  
Você faz de mim uma mulher mais forte.  
Aos meus filhos queridos, Valmir Júnior e Reuel, que me fazem acreditar que, diante de  
tantas catástrofes, o amor existe. Amo vocês demais!

## RESUMO

O presente trabalho pretendeu compreender a importância dos jogos como recurso pedagógico na alfabetização e letramento de alunos da educação infantil. Procurou entender, também, como, por meio da interação e do trabalho com o nome próprio, a criança aprende e apreende os conhecimentos adquiridos em momentos em que o lúdico é apresentado como suporte para isso. Para tanto, teve como referências teóricas de apoio, Soares (2010); Morais (2012), Vygotsky (2007), Brandão e Leal (2011). Metodologicamente, optou-se pela pesquisa-ação, método em que o pesquisador é, também, sujeito do processo, uma vez que observa e analisa a sua própria prática. O procedimento adotado foi a aplicação de um plano de ação durante o segundo semestre de 2019 em uma turma de 4/5 anos de uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) do município de Belo Horizonte, Minas Gerais. Dentre os principais resultados observou que a interação da criança com seus pares no contexto escolar, em que utilizou uma didática que possibilitasse a criança aprender e apreender o mundo a sua volta, permitindo-o um aprendizado prazeroso.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Interação, Jogos Pedagógicos.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Fotografia Exploração das fichas com nomes próprios.....	17
<b>Figura 2:</b> Foto do Uso do alfabeto móvel.....	18
<b>Figura 3:</b> Foto do Uso do alfabeto móvel sem as fichas.....	19
<b>Figura 4:</b> Foto da Brincadeira “Amigo da Vez”.....	20
<b>Figura 5:</b> Foto da Brincadeira “Do que você mais gosta? ” .....	21
<b>Figura 6:</b> Foto da Brincadeira “Bingo com nomes” .....	22
<b>Figura 7:</b> Foto Culminância do Plano: “Jogo da memória de nomes”.....	24

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1.LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>11</b>
<b>2.JOGOS COM O NOME PRÓPRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>14</b>
<b>3. O PLANO DE AÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 Exploração das fichas com nomes próprios.....</b>	<b>17</b>
<b>3.2 Uso do alfabeto móvel .....</b>	<b>18</b>
<b>3.3 Brincadeira “Amigo da Vez.....</b>	<b>19</b>
<b>3.4 Brincadeira “Do que você mais gosta? ” .....</b>	<b>20</b>
<b>3.5 Brincadeira “Bingo com nomes”.....</b>	<b>22</b>
<b>3.6 Culminância: “Jogo da memória de nomes” .....</b>	<b>23</b>
<b>4.NOME PRÓPRIO, ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL: BREVE ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propositou compreender a importância dos jogos como recurso pedagógico na alfabetização e letramento de alunos da educação infantil; considerando-os ser uns dos recursos que possibilita a criança o seu desenvolvimento e descobertas de uma realidade como sujeito sociocultural, pensante e crítico, e, sendo também uns dos métodos facilitadores no ensino-aprendizagem do letramento e escrita, que de acordo Vygotsky (2007, p.24), possibilita o registro das associações realizadas pela criança contribuindo nas transformações dos processos perceptivos de suas atividades intelectuais. Segundo ainda este teórico o “aprendizado da criança começa muito antes dela frequentar a escola” (p. 94), que o seu nascer se dá num ambiente com recursos básicos para sua sobrevivência possibilitando seu desenvolvimento sociocultural nas inter-relações construídas juntas aos seus pares sociais.

Com a finalidade de pesquisar e estudar as possibilidades de alfabetização e letramento por meio dos jogos, desenvolveu um plano de ação com sua aplicabilidade juntos aos alunos de uma Escola Municipal de Educação Infantil da Prefeitura de Belo Horizonte/MG, que contou com 18 crianças de 4/5 anos, permitindo compreender como elas decodificam e identificam as palavras, a escrita e os símbolos representativos de sua língua materna. Numa relação dialógica da criança e seus pares, este sujeito desde do nascimento é constituída cidadão sócio histórico-cultural; recebendo um nome próprio como forma de marcar sua subjetividade numa sociedade grafocêntrica.

Ao ser inserido no contexto Escolar, a criança no processo de letramento e alfabetização e sua relação com os grafemas/fonemas e os símbolos representativos da linguagem oral/escrita, foram trabalhados para uma construção da linguagem gráfica e sua estrutura gramatical, como princípio importante no processo de suas habilidades em seu desenvolvimento sócio interacional e cognitivo.

Para se alcançar as habilidades pretendidas trabalhadas, usou do lúdico como instrumento de aprendizado dos grafemas/fonemas e dos símbolos linguísticos, que constituem seu nome próprio e sua representação na linguagem oral/escrita, estabelecendo em conjunto as regras e sua forma sistemática na sua execução, numa perspectiva de levá-las a perceberem que a escrita, as letras e os símbolos presentes no seu dia-dia em suas interações com o núcleo primário-social, a família, estendendo ao núcleo macrosocial em que transita; propositou aprender e conhecer as letras, sua grafia e representação simbólica.

Como maneira mais compreensiva fez uso do nome social/próprio, permitindo que as crianças reconheçam as letras do nome ampliando sua identificação com as letras do alfabeto,

possibilitando na criação e recriação de novas palavras a partir também do nome de seus colegas de turma. Diante disto foi verificado a eficácia do uso de jogos como recurso pedagógico; buscando desenvolver e estimular a atenção e o raciocínio lógico, promovendo a socialização e coparticipação nas ações simbólicas e construtivas do saber, propiciando-as reconhecerem as suas diferenças como sujeito social, como também as diferenças da grafia do seu próprio nome e das letras que as compõem e o uso em diferentes palavras do seu cotidiano, possibilitando as diversas formas gráficas em relação ao uso do grafema e fonema.

A metodologia usada para esta pesquisa é de abordagem qualitativa. Para Ludke e André (1986) esse modelo de pesquisa é o mais propício para se usar na área de educação, pois permite investigar assuntos impalpáveis e profundos. Dentro da Pesquisa qualitativa se pesquisou sob o foco de uma pesquisa-ação, em que o pesquisador é, ao mesmo tempo, o sujeito da ação e o que pesquisa a própria prática. Ele pesquisa e é pesquisado ao mesmo tempo. Nessa perspectiva, Barbier (2004) defende que

A pesquisa-ação obriga o pesquisador de implicar-se. Ele percebe como está implicado pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros. Ele também implica os outros por meio do seu olhar e de sua ação singular no mundo. Ele compreende, então, que as ciências humanas são, essencialmente, ciências de interações entre sujeito e objeto de pesquisa. O pesquisador realiza que sua própria vida social e afetiva está presente na sua pesquisa sociológica e que o imprevisto está no coração da sua prática. Mais e mais ele percebe que as metodologias tradicionais em ciências sociais devem ser retomadas, desenvolvidas e reinventadas sem cessar no âmbito da pesquisa-ação. (BARBIER, 2004, p. 14).

Nesse sentido, na pesquisa-ação, o olhar do professor- pesquisador é influenciado e influencia os outros ao seu redor, o que lhe possibilita enxergar o que muitos não enxergam, mas, ao mesmo tempo, o impede de ter o olhar crítico sobre si mesmo.

O trabalho de implicação do pesquisador em ação o conduz, inelutavelmente, a reconhecer sua parte fundamental na vida afetiva e imaginária de cada um na sociedade. Ele descobre todos os reflexos míticos e poéticos, assim como o sentido sagrado frequentemente dissimulado nas atividades mais banais e cotidianas. (BARBIER, 2004, p.15).

Barbier demonstra, com isso, que essa abordagem humaniza o pesquisador, fazendo-o olhar para o objeto de pesquisa não somente para investigar de forma técnica, mas para repensar sua prática. Este teórico ainda sugere que

Os docentes, por exemplo, têm vontade de participar diretamente do conhecimento dos problemas deles mesmos, e estão cada vez mais conscientes da inutilidade das pesquisas clássicas feitas por outros sob a denominação das “Ciências da Educação”. Os novos objetos, surgidos nos últimos anos (currículo), levam os docentes a repensarem sua implicação. Os novos métodos quantitativos atribuem-lhes uma

parte maior na pesquisa. [...] Os técnicos podem fazer pesquisa por si mesmo nos locais de sua atividade. (BARBIER, 2004, p. 57).

Nessa perspectiva Barbier vê a pesquisa-ação como a mais qualificada para aprofundar sobre a educação, uma vez que os docentes investigarão seu local de atuação.

Visando entender melhor como se dá o aprendizado e interação de crianças de 4 anos através de jogos pedagógicos de alfabetização em uma EMEI da Rede Municipal de Belo Horizonte, a partir da aplicação de jogos e da observação das crianças, foi proposto o Plano de Ação objeto deste trabalho.

Fez-se necessário neste processo como estímulo para participação efetiva das crianças, o uso de alguns "artifícios" do seu cotidiano para que a apropriação do SEA (Sistema de Escrita Alfabética) fosse prazerosa. Palavras de uso recorrente entre as crianças permitiu que elas aprendessem e apreendessem os conhecimentos que favoreceram seu desenvolvimento cognitivos. Para isso, usou de palavras compreensivas do seu dia-dia utilizada em seu contexto social, extraescolar, possibilitando perceber pelas atividades proposta tais como: rodas de conversa e os jogos programados; sendo uns dos fatores relevantes para que fosse apropriado pela criança a grafia e os fonemas do seu nome próprio.

De acordo Ferreiro e Teberosky (1999, p. 215) “o nome próprio como a primeira forma de escrita dotada de estabilidade, como protótipo de toda escrita posterior, em muitos casos, cumpre uma atenção muito especial na psicogênese”. Dessa forma, o nome próprio é de suma importância para o sujeito uma vez que faz parte da individualidade de cada um e de sua identidade. Na criança isso é fundamental, pois, ao nascer, em convívio familiar, a maioria das vezes de forma carinhosa, ela é chamada por apelidos que para os familiares é uma demonstração de afeto. Mas, ao ingressar na educação infantil, ela ainda não se dá conta de que aquele nome lhe pertence. Muitas vezes se faz necessário o uso de crachá, pois não sabe falar o seu nome próprio ou não tem consciência dele. Portanto, desenvolver um trabalho com o nome próprio é possibilitar a essa criança uma sensação de pertencimento de identidade.

Sendo assim, esta pesquisa se organizou em quatro seções no processo de desenvolvimento de crianças na Educação Infantil. Na primeira, abordou, com base em uma revisão bibliográfica, a alfabetização e o letramento; na segunda usou de jogos por meio do trabalho com o nome próprio; na terceira, descreveu-se a aplicação do plano de ação, por meio das atividades desenvolvidas e na quarta seção, realizou-se análise dos resultados da pesquisa; e, por fim, refletiu-se sobre a importância dos jogos e outras possibilidades metodológicas no processo de alfabetização e letramento de crianças nos anos iniciais do aprendizado.

## 1. LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A concepção de criança que temos na atualidade nem sempre esteve relacionada ao conceito de pessoa de direito, que requer proteção e cuidados especiais. Até o final do século XIX, era considerada socialmente como adulto em miniatura por não haver distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil. Dessa forma, ela ingressava aos sete anos na sociedade de adultos e era responsabilidade dos professores o cuidado e a vigilância, mais do que a educação formal em si. Na contemporaneidade as crianças estão sob tutela da família e do o Estado, que intervém na educação e socialização deste sujeito.

Com a democratização do acesso à educação, as possibilidades da criança de ter iniciado na idade correspondente do seu processo alfabetização, tem sido motivo de pesquisas de estudiosos na área educacional, assim como o conceito de letramento.

Quando se fala em letramento, recorre-se a conceituação de Soares (2010), em que a palavra letramento pode ser vista sob quatro pontos de vista: o antropológico, o linguístico, o psicológico e o educacional. Para essa pesquisa, focou no último citado, a saber, o educacional, sobre o qual a autora nos aponta que:

“Letramento designa as habilidades de leitura e escrita de crianças, jovens ou adultos, em práticas sociais que envolvem a língua escrita. É este o conceito de letramento que, entre nós, está presente nas práticas escolares, nos parâmetros curriculares, nos programas, nas avaliações que vêm sendo repetidamente feitas em diferentes níveis– nacional, estaduais, municipais.” (SOARES, 2010, p. 57)

Portanto pode-se apontar que o letramento vai além da decodificação da escrita. Ele está presente no uso social que essa escrita propicia. Quando a criança, mesmo sem saber decodificar, que é o caso de uma criança na educação infantil, sabe que um bilhete é para dizer algo aos pais ou responsáveis ou, que a agenda permite aos familiares saberem se a criança se alimentou, dormiu ou fez algo diferente na escola, essa criança mesmo não sendo alfabetizada já é uma criança que está sendo letrada no ambiente escolar e no seu cotidiano extraescolar.

Segundo ainda Soares (2004), ela afirma que não existe como dissociar a alfabetização do letramento uma vez que são inseparáveis. Na alfabetização, a criança aprende o código, porém no letramento ela aprende o uso desse código. Quando a criança entende que as letras são usadas para escrever e ao escrever ela se comunica com o outro ela percebe a função social dessa escrita e isso é letramento.

Nos anos 60 no cenário brasileiro os educadores compreendiam que Educação Infantil e o processo de letramento e alfabetização era possível levando em consideração que a criança tivesse certas habilidades adquirida, que segundo Brandão e Leal (2011, p.14), denominava estas habilidades de “maturidade para alfabetização”, compreendendo que as crianças precisavam estar maduras o suficiente para desenvolver as habilidades de leitura e escrita. Mas, a criança, antes de alcançar este estágio de maturação, deveria ser trabalhada de forma a desenvolver habilidades motoras com atividades maçantes e repetitivas como traçados de letras e outros movimentos.

Vale ressaltar que o letramento e a alfabetização independem da língua oral, que o nascer da criança e sua convivência com os diversos grupos sociais em sua formação sócio histórico-cultural, possibilita aprendizagem de uma linguagem que o inclui socialmente. Para que este sujeito adquira conhecimento da estrutura gramatical e ortográfica de sua língua, faz necessário que se conheça os códigos de comunicação e os seus signos, permitindo representar esta linguagem de forma sistemática e estruturada.

No mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (SOARES, 2004, p.14)

Nesse sentido este processo desenvolverá habilidades de ler e escrever de forma adequada, possibilitando o aprendizado do alfabeto, dos números, da coordenação motora, formação de palavras e das sílabas, desenvolvendo habilidades de leitura, de compreensão de textos e da linguagem de maneira geral e as competências necessárias para avançar aos níveis escolares seguintes.

A polêmica de alfabetizar ou na educação infantil ainda paira nas conversas de professores. Mas na rede municipal de educação de Belo Horizonte, na capital mineira, os próprios documentos oficiais, como as Proposições Curriculares para Educação Infantil, embora não explicitem com todas as letras essa questão, indicam que a Escola de Educação Infantil precisa ser orientada por uma intencionalidade pedagógica que propicie a inserção de forma lúdica na cultura letrada.

Na contemporaneidade têm percebido que a normatização do ingresso da criança em um novo ambiente social, a Escola, de acordo Brasil (2010), no “Art. 2º” em que pressupõem o ingresso na Pré-Escola, a criança deverá ter idade de 4 (quatro) anos completos até o dia 31 de março do ano que ocorrer a matrícula”. Sendo assim, segundo Brasil/BH-MG (2003), foi

criada as Escolas Municipais de Educação Infantil, conhecidas como EMEIS, na cidade de Belo Horizonte, que de acordo com portal da Prefeitura/PBH se cadastram e matriculam crianças de 0 a 5 anos, possibilitando também que “ mães grávidas” cadastram e matriculam seu filho, utilizando seu próprio nome”, assegurando mesmo antes de nascer sua inserção no ambiente escolar.

Art.1º. As Unidades Municipais de Educação Infantil – Umeis – ficam transformadas em Escolas Municipais Infantis – Emeis. &1º. Em decorrência da transformação de que trata o caput deste artigo, as escolas municipais que ofertam, exclusivamente, as educações infantis passam a ser denominadas Escolas Municipais de Educação Infantil – Emeis. (BRASIL, LEI Nº 11.132/2018)

Com uma dinâmica diferente dos núcleos familiares, na modernidade os progenitores e cuidadores devido às atividades profissionais ou outras de cunho particular, tem responsabilizado o Estado, por meio das Escolas, a educação e cuidado. Esta nova família e a participação do Estado de forma efetiva na vida dos seus filhos, tem levado os educadores e os planos de ação na educação, principalmente na alfabetização e letramento se reinventarem.

É direito assegurado que a criança tenha acesso a uma boa alimentação, a uma educação de qualidade e a um atendimento médico adequado e o brincar como um direito essencial ao desenvolvimento infantil. É garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) que estabelece em seu artigo 24 “o direito ao repouso e ao lazer”. A Declaração dos Direitos da Criança (1959), em seus artigos 4 e 7, confere aos meninos e meninas o “direito à alimentação, à recreação, à assistência médica” e a “ampla oportunidade de brincar e se divertir”. Mais recente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 16, estabelece o direito a “brincar, praticar esportes e divertir-se”; como a entrega de seus filhos ao Estado ainda em alguns casos antes mesmo de nascer, este sujeito em muitos casos não é permitido e se é o vínculo a um contexto longe dos seus pares.

Para que possibilite um mínimo de espaço à criança, brincar e se divertir, a Escola atual tem a responsabilidade de ofertá-las um ambiente favorável para a prática da aquisição do conhecimento, sendo possível através das novas propostas, dentre elas os jogos e as brincadeiras pedagógicas, que elas sejam estruturadas, semiestruturadas ou livre/direcionadas; possibilite dentre outras coisas um ambiente alegre, com atividades lúdicas no processo de aprendizagem e do desenvolvimento das habilidades numa expectativa proporcioná-la a construção da gramática e suas variáveis, resultando no domínio da leitura e escrita.

Embora as crianças já vivam em um mundo cercado de palavras, é na educação infantil que elas se aproximam efetivamente da escrita. Daí a importância da alfabetização ou do letramento também na Educação Infantil.

As crianças, antes mesmo do ensino Fundamental devem ter acesso tanto a atividades de introdução ao sistema alfabético e suas convenções a alfabetização, como também práticas sociais de uso da leitura e da escrita, o letramento (SOARES, 2009. p. 18).

Dessa forma, assim como Soares (2009), está pesquisa harmoniza com o pensamento da teórica em defender a presença de atividades de alfabetização na educação infantil.

## **2. JOGOS COM O NOME PRÓPRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A dinâmica dos jogos como recurso didático diante da evolução dos estudos na área da educação sobre o desenvolvimento infantil é essencial para a construção do pensamento da criança, para a aquisição da leitura e da escrita.

A utilização dos jogos/brincadeiras em sala de aula possui vasta fundamentação teórica, em que o ato de brincar varia conforme a visão de cada pesquisador, porém sua essência e sua importância no âmbito educacional continuam intrínsecas em cada conceito.

Jogar e ou brincar em sala de aula possibilita ricas situações de interação e aprendizagem, constituindo e organizando o sujeito como ser pensante e crítico, auxiliando educadores e educando no processo educacional em diversas áreas, viabilizando situações de aprendizagem e socialização com os outros e com o meio.

Nesse sentido, a importância das diversas formas de ensinar a criança, os jogos pedagógicos como um destes recursos, faz com que a criança expresse seus sentimentos, emoções e pensamentos, possibilitando construir-se seu espaço e respeitando o espaço do outro, como também identificando os fonemas e grafemas na produção das palavras e dos símbolos.

O aprender de uma criança vai muito além da aquisição da capacidade de pensar como descreve Vygotsky (2007, p. 92), sendo que a aquisição de muitas outras capacidades e habilidades possibilita de forma intrínseca da criança processar as diversas informações seja cognitivamente ou sobre vários aspectos, símbolos ou imagens do mundo real ou fictício coisas, que a permite por meio do brincar ou dos jogos desenvolver várias capacidades de focalização e atenção.

Cada atividade Lúdica para alcançar seu objetivo, dependerá do material a ser desenvolvida junto da criança no brincar, na busca de proporcionar o desenvolvimento da consciência que segundo Vygotsky, “é o desenvolvimento de um conjunto de determinadas capacidades na melhora de uma função da consciência.” (2007, p. 93).

O uso de jogos e ou brincadeiras como recurso pedagógico na educação infantil permite em sua aplicabilidade conhecer a subjetiva da criança/aluno e perceber o comportamento advindo de uma cultural familiar, possibilitando junto aos demais colegas se reinventar, pois é sabido que nessa fase de vida, a criança é capaz de nominar as atividades e registrá-las, diferenciando dos objetos pessoais e dentre outras.

Nesse processo o professor percebe um diferencial peculiar de cada criança, registrando de forma individualizada, permitindo usar as informações percebidas como viés condutor na escrita e no letramento.

Assim o brincar/jogos pedagógicos como recurso da aprendizagem da escrita e letramento, construído em parceria com o próprio aluno, fazendo necessário apresentar os códigos do Sistema de Escrita Alfabética com todas as regras de acordo com as capacidades e habilidades necessárias para a idade em questão na busca de alcançar os objetivos.

A possibilidade de desenvolver habilidades psicomotoras para o favorecimento da aprendizagem no que propõem esta pesquisa, os jogos/brincadeira seja ela, livre em que permite a livre construção criativa da criança ou semiestruturada permitindo a construção livre, porém, oferecendo recursos em sua construção direcionados por uma supervisão, e a estruturada, que mesmo que esteja pronto ou construído, possibilita a criança desenvolver seu raciocínio lógico e a sua capacidade de recriar de uma maneira surpreendente para sua aprendizagem.

Assim, permitir e oferecer espaço mínimo que seja para que a criança brinque e possa desenvolver habilidades cognitivas possibilitando seu aprendizado por meio dos jogos elaborados especificamente na construção da escrita e letramento, sendo que este espaço seja adequado e permissivo para explorar toda sua criatividade, capacidade e habilidades.

Nas diversas modalidades existente do brincar pedagógico, as brincadeiras e os gêneros textuais proposto no ato lúdico possibilita trabalhar de forma reflexiva diversos gêneros literários tais como: poemas, cantigas, parlendas, trava-línguas, além de explorar o nome próprio como forma de escrita estável e de referência para as crianças da Educação Infantil.

### 3. O PLANO DE AÇÃO

Os jogos pedagógicos são uma maneira divertida de inserir a criança nas práticas escolares, pois possibilitam que a criança experimente a Escola como um espaço em que se pode brincar. Na escola as crianças falam, discutem seu espaço, desejos e se deparam com as letras e seus sons por meio de uma representação gráfica, dando início à alfabetização.

Acreditamos que essa compreensão sobre os significados do código escrito pode ser apreendida na escola por meio da ludicidade. Sendo assim, esta pesquisa propôs trabalhar as habilidades das crianças ao diferenciar letras, números e símbolos, possibilitando o reconhecimento das letras do próprio nome e orientando-as sobre a forma da escrita, orientando, por exemplo, a lateralidade ao se trabalhar a noção da escrita da esquerda para direita.

O uso do nome próprio na alfabetização e letramento dessas crianças é importante porque o nome traz consigo todo um sentimento de pertencimento e afetividade como também proporciona à criança o desenvolvimento de sua identidade, essa ferramenta é de suma importância no dia a dia escolar. Seber (2009) compreende que o nome é um recurso ao qual a criança recorre quando está com dúvida e quer confirmar suas ideias. Ou seja, quando a criança escreve outra palavra que não seja seu nome, ela recorre a ele para registrar sua hipótese de escrita. Isso se dá na escrita de nomes de colegas, por exemplo. Ferreiro (1999) aponta que o nome próprio é “a primeira forma estável de escrita com significação”. Nesse sentido, o nome carrega consigo um sentimento de pertencimento, demarca, diferencia dos demais mesmo no caso de homônimos. Cada pessoa traz em sua trajetória de vida uma história que está contida em seu nome. Fatores sociais, políticos, culturais influenciam nas escolhas dos nomes e ao nascer a criança incorpora esses fatores, mas ao longo de sua vida ela acrescenta sua subjetividade sua trajetória e suas escolhas que farão com que esse nome ganhe novo significado.

E o lúdico foi o protagonista do Plano de Ação aqui apresentado, intitulado “Nome próprio” e aplicado em uma turma de 4/5 anos de uma EMEI da Rede Municipal de Belo Horizonte. Para a realização desse plano, foi formalizado pedido de autorização aos pais e/ou responsáveis para fazer uso das imagens e possíveis registros fotográficos ou de vídeos das crianças em sala de aula.

A seguir, descrevemos todas as fases da aplicação do Plano de Ação.

### 3.1 Exploração das fichas com nomes próprios

Para dar início à aplicação, as crianças foram organizadas em um círculo e com elas estabeleci contato visual para apresentar a proposta e como se desenvolveria. O intuito foi fazer uma atividade diagnóstica para sondar se as crianças reconheciam seus nomes e dos colegas. Após, explicar a proposta e as regras, apresentei as fichas com o primeiro nome de cada criança para ver se reconheciam. À medida que a criança identificava seu nome, levantava a mão e se o não fizesse, o colega ajudava apontando a pessoa. Para ajudar quem tinha dificuldade, dei algumas pistas, como o apontamento para o colega do nome correspondente, com a finalidade de estimular o raciocínio e sua capacidade de compreensão e percepção das letras. Essa atividade teve como propósito trabalhar a valorização da criança através do uso do nome próprio assim como o desenvolvimento de sua identidade. Depois distribuí as fichas entre eles e pedi que cada um entregasse a ficha para o colega com o nome correspondente. Nesse primeiro momento da aplicação do Plano, o objetivo foi construir um diagnóstico da turma e permitir que elas manuseassem as fichas com o seu nome e o nome dos colegas, familiarizando-se com as letras e fonemas dos nomes próprios.

Figura 1: Exploração das fichas com nomes próprios



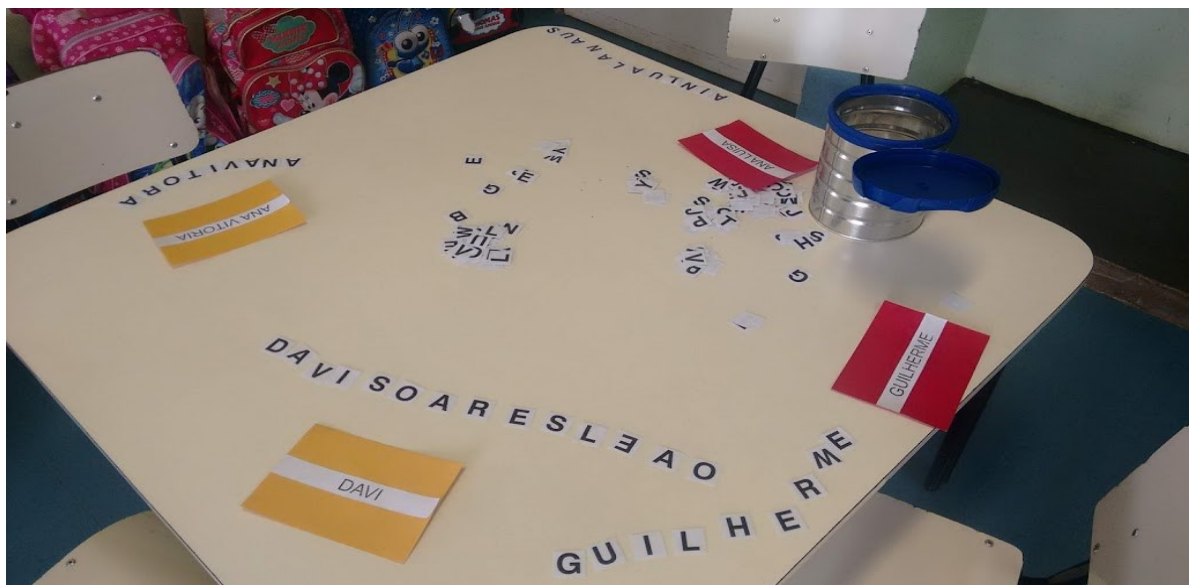
Fonte: Arquivo pessoal

As crianças interagiram bem durante essa atividade, sendo receptivos e participativos. Percebi que a maioria das crianças reconheceram seus nomes e houve uma que reconheceu o nome de todos os colegas.

### 3.2 Uso do alfabeto móvel

No segundo encontro, foi apresentado o alfabeto móvel e entregue a ficha contendo os próprios nomes. O objetivo era que as crianças identificassem as letras que correspondiam ao seu nome, colocando-as em ordem. Ficamos nessa brincadeira um bom tempo, permitindo que as crianças levantassem suas hipóteses sobre a montagem do nome. Alguns sabiam nomear as letras. Outros só as reconheciam, mas ainda não sabiam nomeá-las.

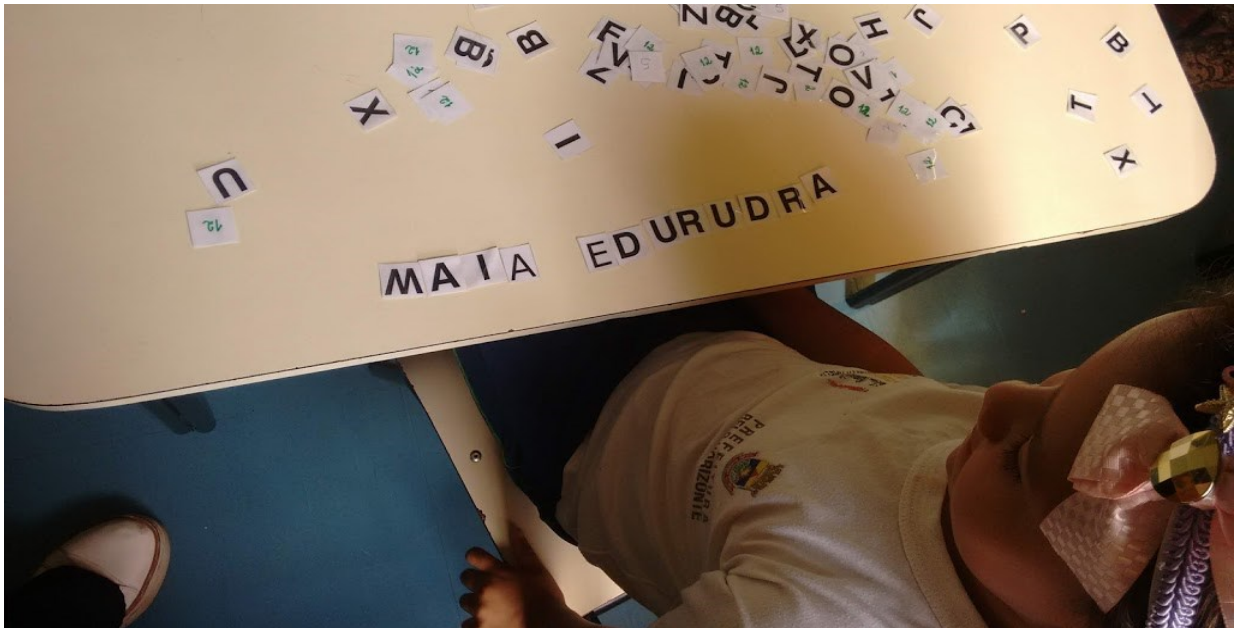
Figura 2: Uso do alfabeto móvel



Fonte: Arquivo pessoal

No encontro seguinte, o alfabeto móvel também foi utilizado para a montagem do nome, mas, dessa vez, sem o recurso da ficha, possibilitando registrar as estratégias criadas para a realização dessa atividade.

Figura 3: Uso do alfabeto móvel sem as fichas



Fonte: Arquivo pessoal

A escolha desse jogo permitiu uma intervenção que propiciou a interação entre as crianças e a cooperação coparticipava, possibilitando ao colega alcançar o objetivo. Escrever seu nome sem o uso da ficha não só permitiu à criança estabelecer estratégias de escrita usando o alfabeto móvel, mas perceber o colega que estava em dificuldade e parar para auxiliá-lo.

### 3.3 Brincadeira “Amigo da Vez”

No quarto encontro, fazendo uso do alfabeto exposto na sala, passamos para a brincadeira “Amigo da vez”, que consistia em:

1. Sorteio do nome de uma criança.
2. Desenho de traços no quadro, um para cada letra do nome sorteado.
3. Cada criança falava o nome de uma letra à sua escolha, na tentativa de acertar as letras do nome sorteado. O alfabeto afixado na sala poderia ser consultado.
4. Quando uma criança acertava uma letra do nome sorteado, eu fazia o registro no espaço da letra.
5. Quando a letra escolhida não constava no nome sorteado, ela era registrada em outro espaço do canto direito do quadro branco.
6. Por ser um jogo coletivo não há vencedores ou perdedores.

O objetivo dessa brincadeira foi possibilitar a interação e a participação de todos na descoberta do nome sorteado.

Figura 4: Brincadeira “Amigo da Vez”



Fonte: Arquivo pessoal

### 3.4 Brincadeira “Do que você mais gosta? ”

No encontro seguinte, momento com certa familiarização com as letras por parte das crianças, foi trabalhada a brincadeira “Do que você mais gosta? ”, possibilitando correlacionar o desejo expresso pela criança (palavra) com as letras correspondentes no alfabeto móvel. Um nome era sorteado e a criança correspondente dizia do que gostava. A palavra era repetida, contávamos com palmas quantas vezes abríamos a boca para falar a palavra. Nesse momento as crianças verbalizavam suas hipóteses como na palavra “tomate”. Um aluno falou “eu sei como começa. Tomate começa com O.” outra criança disse “não, tomate começa com T.” Após ouvir várias crianças, pedi que elas registrassem a palavra usando o alfabeto móvel. Cada uma registrava de acordo com a sua hipótese de escrita.

Nesse momento, eu passava nas mesas e perguntava à criança como ela havia pensado para escrever. Uma criança escreveu “OAI”, outra, “TOMAI”. Para CARNE uma criança registrou “KN” e outra, usando várias letras “ASTMLVSLCT” para a mesma palavra.

Percebe-se, nessas hipóteses de escrita, que a primeira, segunda e terceira crianças estão na hipótese silábica. Ao perguntar para uma delas o que havia escrito, ela falou prontamente “Eu escrevi tomate, tá vendo?” e a que escreveu “carne” também falou mostrando com o dedo fazendo a pseudo leitura. A última criança que escreveu está na

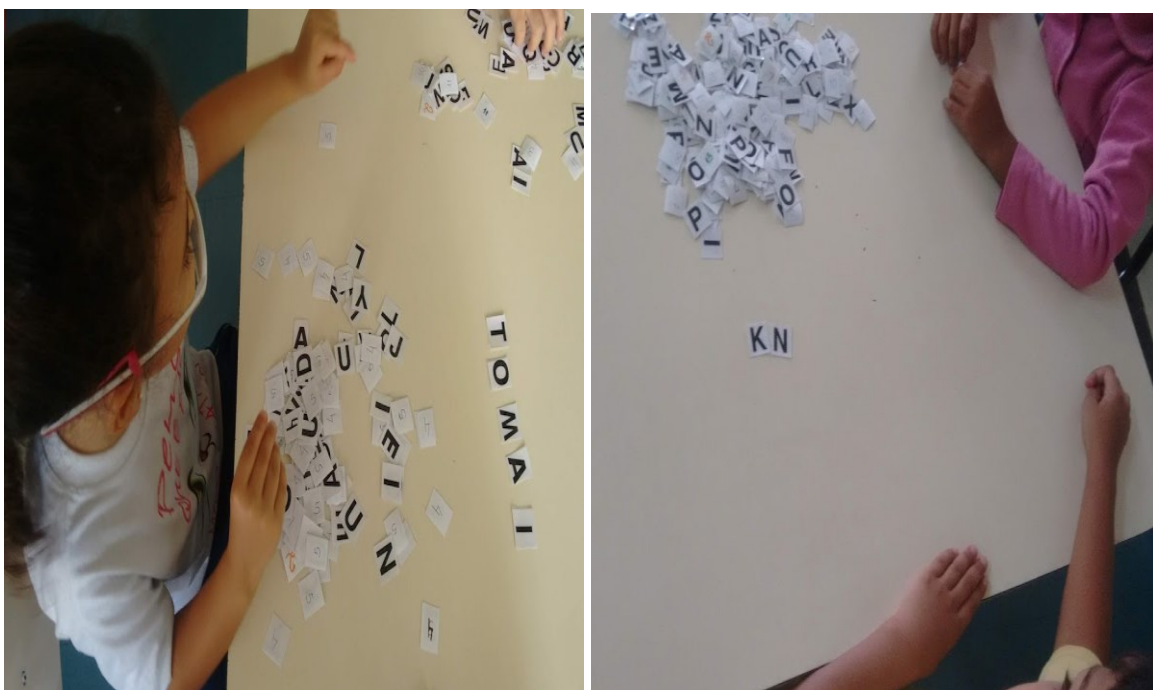
hipótese pré-silábica e ao perguntar a ela o que havia escrito, mostrou-me com o dedo sua produção em cima da mesa "carne, Dora".

Após observar as hipóteses das crianças, o registro era escrito no quadro de todas as palavras ditas pelas crianças. É importante ressaltar que a professora registrava ouvindo as crianças e após pensarem juntos sobre a escrita.

A princípio o intuito era saber do que a criança mais gostava para que o registro da palavra tivesse sentido para eles, ao contrário do que acontece quando utilizamos palavras aleatórias. Porém, elas preferiram dizer o que gostavam de comer.

Essa atividade possibilitou identificar as mais diversas reações seja na escrita ou na interação e curiosidade em aprender. Em alguns momentos, locomovendo-me pelos corredores os alunos da turma vinham me abraçando e dizendo: “Dora, eu gosto é de carne”, “Professora, eu gosto de batata”. Essa reação da turma foi tão repetitiva e forte que algumas pessoas da comunidade escolar me indagaram sobre o que eles estavam falando. Em outros momentos ao entrar na sala logo vinham me perguntar "o que vamos escrever hoje? Vai ser com o alfabeto móvel ou com lápis?" Também, "Dora, quero escrever batata".

Figura 5: Brincadeira “Do que você mais gosta?”



Fonte: Arquivo pessoal

### 3.5 Brincadeira “Bingo com nomes”

Para estimular ainda mais o interesse pelas letras, no encontro brincamos de “Bingo com nomes”; objetivando a identificação dos fonemas e grafemas que há em seu nome e no do colega. Além da ficha com o nome da criança e do alfabeto móvel, numa folha A4 todas as letras do alfabeto estavam distribuídas aleatoriamente em formato de cartela de bingo. Uma cartela (ficha com nome da criança) foi entregue para cada uma, junto com algumas tampinhas de refringentes para que, ao ouvirem as letras sorteadas, marcassem com as tampinhas na letra correspondente em sua cartela. Ao completar o seu nome, a criança levantava uma das mãos e gritava "bingo!". Antes de iniciarmos a brincadeira foram expostas as regras do jogo. Uma criança se prontificou a ser ajudante da professora. Ela sorteava a carta e mostrava para a turma, que falava "o nome da letra". Após mostrar a letra e ouvir a hipótese do nome da letra dos alunos, era cantado o nome da letra e os alunos procuravam em suas cartelas (fichas com nomes) a letra cantada.

Figura 6: Brincadeira “Bingo com nomes”



Fonte: Arquivo pessoal

Uma criança se propôs a ser "ajudante", o que a princípio não seria usado. Mas foi de grande valia e incentivou alguns durante a brincadeira.

Nessa atividade, além de reconhecer seu nome, foi necessário, a cada criança prestar atenção à letra sorteada, "cantada" e mostrada, relacioná-la com as letras de seu nome e marcá-la com a tampinha de garrafa pet.

As crianças demonstraram muito entusiasmo ao perceber que todas as letras foram marcadas e ao poder gritar "bingo". Isso pode parecer simples para um adulto, mas, para uma criança de quatro anos são muitas habilidades a serem usadas ao mesmo tempo. Quando a criança não conseguia identificar ou não prestava atenção a letra cantada os colegas de mesa mostravam o espaço para se colocar a tampinha ou diziam "aqui ó, a letra M, seu nome tem a letra M. Põe a tampinha aqui."

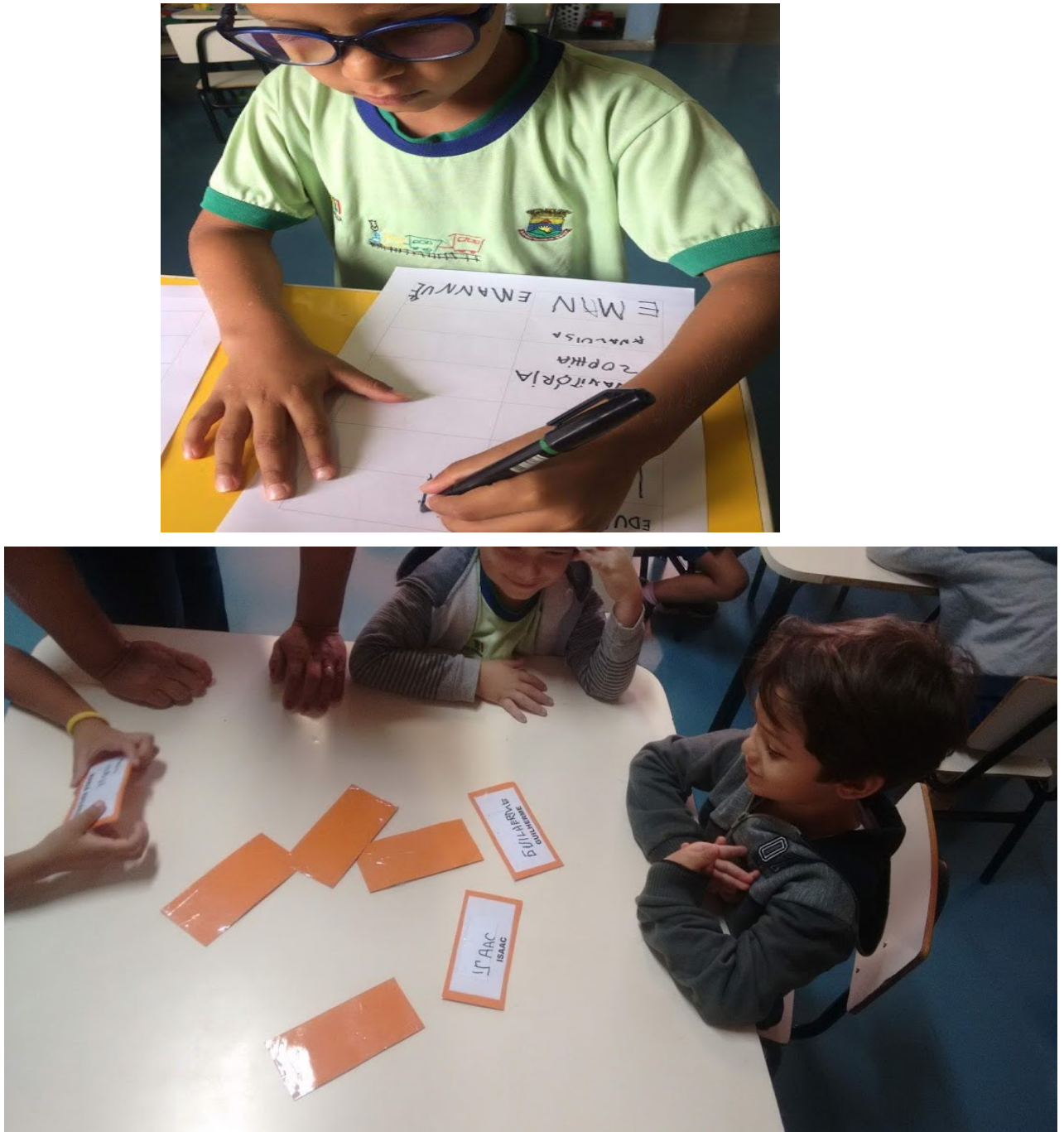
### **3.6 Culminância: “Jogo da memória de nomes”**

Para encerrar a aplicação do Plano, foi proposto, como culminância construir com a turma um jogo da memória com nomes. Uma vez que percebemos ao longo da pesquisa que para a criança é de suma importância o nome, pois ela está em desenvolvendo sua identidade e a escrita do nome propicia isto.

A ideia seria construir o jogo juntamente com as crianças. Pois elas brincariam com um jogo que eles mesmos construíram. O primeiro passo foi a escrita do nome que seria copiado em máquina de Xerox para as cartelas ficarem com a mesma grafia, uma vez que está ainda está em construção. Atrás colocaria um desenho de um trem. Porém, ao pedir que as crianças escrevessem, percebi que, para alguns, o espaço foi insuficiente, outros estão escrevendo com a escrita espelhada e até alguns que não consolidaram o registro do nome. Nesse momento, decidi recortar o registro dos alunos e colá-los em uma folha onde seu nome estivesse escrito com a letra “arial”, pois esta é mais clara para o aluno em construção do processo de escrita. Pois se eu colocasse somente a escrita da criança o objetivo que é conhecer e reconhecer o nome do colega não seria alcançado.

Após a construção do “Jogo de memória com nomes” fizemos a aplicação do jogo em sala e percebeu-se que alunos que antes demonstravam insegurança e até não queriam jogar, agora já estavam mais seguros e confiantes jogavam com o colega interagindo entre si e reconhecendo o nome do outro e o seu.

Figura 7: Culminância do Plano: “Jogo da memória de nomes”.



Fonte: Arquivo pessoal

Percebemos no olhar das crianças o contentamento em ver sua grafia e seu nome. Uma criança disse: "Meu nome no jogo da memória! Que legal", "O meu também!".

É importante destacar que a aplicação foi feita na turma de outra professora, uma vez que quando iniciei o LASEB estava em uma turma de 3 anos e pretendia seguir com a turma conforme orientação da Rede Municipal de Belo Horizonte, que é de um professor para o ciclo. Porém, no início do ano, por causa das demandas da Escola, foi-me oferecida outra

turma. Nesse momento, uma colega ofereceu sua turma para que eu pudesse aplicar meu plano de ação e pesquisar através dele.

Pedimos autorização aos pais das crianças que prontamente assinaram. Por causa das demandas de minha turma atual, dos planejamentos internos, reuniões e formações continuadas feitas na escola, não pude realizar de forma sequencial as atividades. Os encontros eram previamente agendados com a colega e em momentos de extraclasse – períodos de uma hora diários para estudos e planejamentos dos professores da Rede Municipal de Belo Horizonte. Diante disso, a pesquisa feita com a turma de 4 anos não me permitiu observar diariamente o desenvolvimento dos alunos.

#### **4. NOME PRÓPRIO, ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL: BREVE ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO**

Com as brincadeiras descritas acima, as crianças foram se apropriando das letras e fonemas e levantando hipóteses sobre os significados do código escrito. Neste sentido ao observar o modo singular de cada criança, o jogo/brincar possibilita no processo de seu desenvolvimento e crescimento, segundo Targino, Silva e Santos (2017, p. 132), as fazem adquirir e assimilar as diversas habilidades e maneiras através das quais elas se constroem e aprendem gradativamente seu modo único e individual de se relacionar com o mundo dos grafemas. Dessa forma, brincadeiras, brinquedos e jogos são ferramentas pedagógicas mediante as quais os mestres partem para alfabetizar letrando as crianças, compreendendo-as, orientando-as e acompanhando o avanço de cada uma delas.

Um dos pressupostos deste trabalho leva em conta que o nome da criança é uma palavra que forte conteúdo significativo e emocional sendo o primeiro sinal de identidade e reconhecimento infantil.

De forma lúdica, durante a aplicação do plano, cada criança teve contato com a escrita de seu nome próprio, identificando os sons que as letras representam e dando início ao estudo sobre a codificação dos grafemas/fonemas no processo de alfabetização. Isso permitiu que as crianças não só reconhecessem a grafia do seu próprio nome, mas, identificassem que algumas letras de seu nome estavam contidas também nos nomes dos colegas e em outras palavras quando percebiam a ficha que os identificavam. Durante a brincadeira as crianças diziam "essa letra é minha", se referindo a alguma letra que tinha no nome do "Amigo da vez", percebendo assim que uma letra pode ser usada em seu nome e no nome do colega também.

Com relação à brincadeira “Do que você mais gosta? ”, atividade que teve como propósito compreender o modo singular de cada criança na identificação, codificação e associação dos grafemas e na formação da palavra. Assim como na escrita do nome próprio, essa atividade trabalha a identidade da criança, que puderam expressar seus gostos e desejos.

Objetos e instrumentos pedagógicos, a exemplo de brinquedos e jogos, facilitam as crianças a interagirem entre si e com os demais participantes, incluindo o convívio entre docentes e crianças. As atividades lúdicas geram maior capacidade de concentração e desenvolvimento das potencialidades do público infantil. Isto porque é brincando que a criança se liberta e se comunica. É o momento de compartilhar várias experiências, produzir crescimento e bem-estar por conta da liberdade e do imprevisto que a brincadeira carrega: todo o corpo entra em ação – o emocional, o cognitivo, o motor e o funcional.

Pudemos, ao longo dos momentos vividos com a turma, perceber que o uso dos jogos para escrever as palavras e conhecer e reconhecer os nomes possibilitou a essas crianças uma escrita estruturada, pois o uso do nome próprio permite isso. Ao registrar outras palavras, muitas vezes, elas se lembravam das letras de seu nome e até do nome dos colegas, o que faz do nome próprio um bom suporte para o desenvolvimento da escrita.

Sobre isso, Morais (2012) afirma que algumas propriedades do Sistema de Escrita Alfabética precisam ser compreendidas na Educação Infantil, como fato de que as letras não podem ser inventadas, que estas são finitas e que são diferentes de números e outros símbolos. E essas propriedades podem ser por meio do trabalho com o nome próprio.

Foi possível observar que as crianças da turma participante desta pesquisa, aos poucos, foram percebendo essas propriedades, ao demonstrarem, durante as brincadeiras, uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras e que nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras.

Dessa forma, mesmo sem conhecerem ainda as regras do SEA, as crianças foram percebendo, intuitivamente, alguns princípios elencados por Morais (2012, p. 31):

As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra; além de letras, na escrita de palavras, usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem; as sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante–vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal; a direção predominante da escrita é a horizontal, com traçado da esquerda para a direita; as unidades do texto são as palavras, que são isoladas entre si através do

espaçamento. As palavras podem ser segmentadas em partes (sílabas) que são compostas de unidades sonoras (fonemas).

Ou seja, lúdica e intuitivamente, as crianças foram se apropriando das letras e utilizando estratégias de leitura e escrita como: seleção, antecipação, verificação, associação entre letras iniciais e finais, comparação com o nome dos colegas etc.

Nesse processo de criação de hipóteses sobre o SEA, a criança faz ponderações entre o que ela já sabe e o novo conhecimento proposto, o que contribui significativamente para a aprendizagem. (TRESCASTRO et. al., 2010).

Sendo assim, o trabalho com o nome próprio na Educação Infantil propicia, também, que a criança, a partir da escrita do seu nome, elabore hipóteses que o levam a nomear, por escrito, as coisas, os objetos, as pessoas.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 147), “saber escrever o próprio nome é um valioso conhecimento que fornece às crianças um repertório básico de letras que lhes servirá de fonte de informação para produzir outras escritas”. Nesse sentido, este trabalho mostra como é relevante estudarmos o nome próprio como formador da identidade do indivíduo.

Por fim, destaca-se que a escrita do nome próprio foi muito importante para as crianças como o primeiro indício de formação da sua identidade, o que as diferencia dos outros indivíduos. Pela natureza dos dados coletados durante a aplicação do Plano de Ação, é possível afirmar que as atividades a partir do nome próprio se configuram como uma boa estratégia de alfabetização na Educação Infantil, uma vez que as letras do nome formam o primeiro repertório de letras das crianças. Assim, quando o professor faz um trabalho intensivo de reflexão sobre a escrita do nome, a criança tem condições de compreender o sistema de escrita alfabética e de apropriar-se dele.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve início quando pensamos em verificar a importância dos jogos no processo de aprendizagem das crianças na Educação Infantil, a partir do trabalho com o nome próprio.

Observou-se que a carga afetiva do nome contribui para a construção da identidade da criança, além desta palavra representar a sua primeira conquista relacionada ao mundo da escrita. Por isso, um trabalho de alfabetização a partir da escrita do nome próprio deve receber atenção especial na educação infantil.

Por meio dos jogos, as crianças aprendem brincando. O jogo propicia a interação entre elas, fazendo com que demonstrem suas dificuldades e seus avanços. Além disso, os jogos propiciam trocas importantes, uma vez que as crianças auxiliam os colegas de forma espontânea, falando a mesma linguagem e permitindo assim o entendimento e a aprendizagem.

E foi exatamente nisso que pensei quando elaborei esse Plano de Ação. Esperava observar como as crianças interagem durante os jogos e se essa interação facilita no aprendizado. Evidentemente, não é possível mensurar aqui se a aplicação do plano, por si só, promoveu o aprendizado das letras pelas crianças ou potencializou a interação entre elas, mas, do diagnóstico à culminância, foi possível observar que a criança está aberta a novas experiências e através dos jogos pedagógicos elas interagem de forma mais livre, pedem ajuda, ajudam o colega, levantam hipóteses e se apropriam do aprendizado de forma leve. Penso que essa pesquisa poderá ser um caminho a percorrer e prosseguir rumo a um estudo mais apurado em uma turma onde eu possa estar diariamente, observando, apontando e aprendendo com essas crianças que trazem consigo tantas histórias e saberes que só acrescentam a nossas vidas.

O presente trabalho nos permitiu constatar que o nome próprio traz significativas contribuições para alfabetização, fornecendo suporte para compreensão de que a escrita do nome próprio é o texto mais próximo da criança, sendo essencial para que ela reflita sobre o funcionamento do sistema de escrita.

É importante destacar que, não sendo professora referência dessa turma não me foi possível perceber e acompanhar o desenvolvimento na alfabetização, uma vez que minhas visitas foram esporádicas e momentâneas. Ao escrever o Plano de Ação em 2018 encontrava-me como professora de uma turma de 3 anos e estava desenvolvendo um trabalho com eles. Pensando nessa turma é que planejei as ações. Porém, ao retornar à escola no início do ano letivo de 2019 houve uma mudança no quadro de funcionários e de alunos. Diante da demanda da escola assumi uma turma de 1 ano e por isso, apliquei o Plano de Ação em meus momentos de Extraclasse quando me era possível pois muitas vezes meu horário chocava com a rotina da turma e em outros momentos havia formação continuada e reuniões na escola. Percebo que se pode a partir do material colhido refletir o uso de jogos para a alfabetização e interação entre as crianças.

Por fim, vale a pena ressaltar que os resultados aqui apresentados nos levam a pensar que jogos e brincadeiras propiciam a liberdade de pensamento e expressão das crianças, pois neste momento em que brincam há interação e trocas entre seus pares, o que leva ao

aprendizado prazeroso. Dessa forma, o jogo torna-se um instrumento facilitador no processo de apropriação da escrita.

Finalizo esta análise com o intuito, também, de rever minha prática como professora pesquisadora. Penso que as demandas do presente ano letivo não me permitiram uma pesquisa mais apurada, porém, ao retornar a trabalhar com uma turma de quatro anos, procurarei rever minha pesquisa e praticá-la de forma mais constante e efetiva.

## REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. A pesquisa-ação. Tradução de LucieDidio. Brasília: Liber Livro Editora. 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. Resolução nº 6, de 20 de outubro de 2010.
- BRASIL/BH-MG, LEI Nº 11.132, DE 18 DE SETEMBRO DE 2018.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz. Alfabetizar e Letrar na Educação Infantil: o que isso significa? In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.). Ler e Escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Capítulo 1, p. 14)
- FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. *A Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Medicas 1999.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.
- MORAIS, A. G. *Sistema de Escrita Alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- TARGINO, Maria das Graças; SILVA, Evana Mairy Pereira de Araújo; SANTOS, Maria Fátima Paula dos Alfabetização e letramento: múltiplas perspectivas / Maria das Graças Targino; Evana Mairy Pereira de Araújo; Maria Fátima Paula dos Santos / - Teresina: EDUFPI, 2017.
- SEBER, Maria da Glória, A escrita Infantil: o caminho da construção/, São Paulo: Scipicione, 2009.
- SOARES, M. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: Cultura escrita e letramento. MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gilcinei T. (orgs). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- SOARES, Magda. **Oralidade, alfabetização e letramento**. Revista Pátio Educação Infantil – Ano VII-Nº20. Jul/Out. 2009.
- SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> Acesso em 19 de novembro de 2019.
- TRESCASTRO, L. et. al. Nome próprio na Alfabetização. *Revista Avisa lá*, Ano X, n. 41, 2010, p. 11-23.
- VIGOSTSKI, Lev Semenovich, 1896 – 1934. Formação Social da Mente, 7ª. Edição – São Paulo: Martins Fontes, 2007.